

O NORTE do DISTRITO

QUINZENÁRIO de FIGUEIRO DOS VINHOS



Avença

Proprietário Dr. Ernesto Lacerda

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

Director: Dr. Joaquim Alves Tomás Mergado

10 de Maio de 1970

Chefe da Redacção: Prof. A. Paule Santos

ANO XVIII — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRO DOS VINHOS — TELEFONE 42307 — N.º 417

A CASA DO POVO

Uma das mais belas instituições do Estado Português Corporativo é a Casa do Povo. Mal fazem aquelas pessoas que não protegem ou animam, por todos os meios, ao seu alcance tão simpática quanto útil organismo.

Conhecemos, de muito novos a actividade duma das nossas Casas do Povo, vimos alguns bons cidadãos fundá-la e dar à sua actividade todas as horas disponíveis e mais algumas daquelas que necessitariam para repouso. Assistimos à solução de diversas crises de trabalho dentro do maior espírito de compreensão e de justiça e, desde então, com muita alegria íntima, registamos algures no Ribatejo, como crescia, com o decorrer dos anos, todo o conjunto de benefícios que tão expressivo exemplo das possibilidades do nosso Corporativismo oferecia aos trabalhadores rurais, desmentindo categoricamente os crónicos maldizentes.

Na Casa do Povo vive-se a «alma» do trabalho rural. E por que falamos assim?

Efectivamente, ela é um segundo lar do trabalhador, pois acompanha-o nas suas alegrias e dores nos bons e maus momentos da vida. É por isso—repetimos—que acentuamos a necessidade de, todos aqueles que nos meios rurais usufruem posições económicas vantajosas, acompanharem carinhosamente o movimento da «sua» Casa do Povo, assistindo-lhe com o desvelo de quem não despreza neste Mundo os sentimentos mais nobres que elevam

e dignificam o Homem, exactamente nalguns sectores onde menos seria de esperar. Pois bem é tempo de todos darem a sua colaboração, abandonando ressentimentos de qualquer espécie, se porventura os têm; é tempo de cada um passar a ser menos egoísta em favor do bem comum.

Se na actual fase de guerra que Portugal atravessa conseguirmos, a par da nossa unidade perante o inimigo, manter uma sólida colaboração interna apta a solucionar aqueles problemas que ainda exigem solução, não há dúvida de que daremos ao Mundo um raro exemplo,—um flagrante exemplo, da força que emana duma consciência nacional autêntica.

Vão mal os tempos, pelo que de fraquezas, hipocrisias e falsidades nos apresentam. Nunca nós, portugueses, deixamos, porém, de olhar para trás. Não nos temos de envergonhar. Quando voltamos a cabeça é para recolhemos num passado limpo o exemplo dos nossos maiores. Continuando a caminhar com a serenidade e confiança que nos são próprios podemos, através de tudo e de todos as circunstâncias, mover obstáculos que outros povos não conseguiram remover. E dentre estes, estamos certos, situam-se muitos de natureza social. No caso que referimos em relação às Casas do Povo, podemos generalizar o nosso ideal na hora presente: todos unidos, colaborando para um Portugal mais próspero e para um mundo melhor.

N. R.

Projecto Piloto

EM PROL

da Saúde Pública

Há cerca de 5 anos, que em boa hora, o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, lançou a Campanha do Projecto Piloto de Erradicação da Tuberculose, com o alto patrocínio da Fundação de Calouste Gulbenkian.

Começando pela colheita de microradiografias quase de porta em porta, percorrendo as aldeias, vilas e cidades, foi mais tarde alargando os seus valiosos serviços gratuitos à tensão arterial, análises de urinas e às doenças dos olhos, sempre detectando e combatendo a doença.

Pars esclarecimentos acerca do que se tem feito e que se pretende fazer neste último capítulo da primeira fase do Projecto Piloto, esteve no dia 6 do mês corrente nesta vila o Sr. Dr. Fernando Neves de Almeida ilustre inspector clínico do I.A.N.T. e director da Campanha, acompanhado dos seus colegas, Drs. Valle e José Pedro.

Pelas 15 horas na sala de sessões da Câmara Municipal realizou-se uma sessão de trabalhos a qual presidiu aquele distinto Inspector, ladeado pelos Srs. Dr. Ernesto Lacerda, Prevedor da Misericórdia; Dr. Manuel Alves da Piedade, Subdelegado de Saúde Dr. Luís Frias Fernandes, médico do B.C.G.; Padre Escaroupa, Pároco de Arega e Presidente da C.M. de Turismo, em representação do Sr. Presidente da Câmara.

Na assistência encontravam-se em grande número agentes do ensino primário, representantes das Juntas de freguesia, da G.N.R., regedores, chefes da Repartições públicas e imprensa.

Foi esclarecedora a dissertação do Sr. Dr. Neves de Almeida, com projecção de alguns números pelo Sr. Dr. José Pedro e esclarecimentos do Sr. Dr. Valle.

De entre os benefícios que nos vai oferecer esta campanha, no seu alargamento de serviços, são dignos de registo, o ataque ao estrabismo no período infantil dos 2 aos 6 anos e a pesquisa nas crianças até aos dois meses da *fenil acetónúria*, procurando por meio da dietética corrigir os seus excessos, numa prevenção contra a loucura.

São dignos de todo o apoio e da melhor colaboração estes meritórios serviços em defesa da saúde pública.

Quem salva a riqueza Piscícola do nosso Concelho?

E' do conhecimento geral, que não existe no País, a sul do nosso concelho, qualquer curso de água que possa rivalizar com a Ribeira de Alge, nas suas características excepcionais para criação de algumas das mais apreciadas espécies de peixes, nomeadamente a salmónida e a ciprinida.

A saborosa truta, amante das fortes correntes de águas frias e claras, ali se dá maravilhosamente, numa vida comum com o barbo, o bordalo, a carpa e a boga. Se a primeira não se dá para sul, as outras são aqui mais saborosas, pela limpidez das águas.

Sucedo que essa fauna aquática, está em risco de desaparecer, motivo porque urge tomar medidas drásticas de fiscalização eficiente, contra o uso e abuso de redes, tarrafas e cordas ou quaisquer outros petrechos de pesca, proibidos naquela Ribeira. Isto para falar apenas dos sistemas furtivos, mais usados na região, porque ainda outros se praticam, que apesar de menos frequentes, não deixam de ser mais perigosos e criminosos, como, por exemplo, o envenenamento das águas e a detonação, esta de efeito local mais limitado, mas de destruição total.

Há muito tempo que está devidamente reconhecido o valor económico da população piscícola dos nossos rios, motivo porque o Governo da Nação lhe tem dedicado a melhor aten-

ção, promulgando leis de protecção; aplicando multas aos transgressores e castigando severamente os actos de vandalismo com pesadas penas, que vão até à prisão efectiva. Por essa razão aqui apelamos para a Direcção—
A Página 2

Concurso Literário

«Há sempre um Portugal Desconhecido»

A Secretaria de Estado de Informação e Turismo, instituiu vários prémios para galardoar produções literárias de interesse turístico, publicadas nos jornais e na rádio, a cujo concurso deu o nome de: «Há Sempre um Portugal Desconhecido».

O 1.º Prémio de Reportagem foi atribuído ao ilustre jornalista Silva Tavares pela série de artigos publicados em o «Comércio do Porto» sob o titulo «Zêzere—Ao Princípio Era a Serra».

Quatro, dos oito artigos publicados, vencedores do concurso, foram dedicados ao nosso concelho.

Ao felicitar-mos o importante órgão de informação e o seu distinto colaborador, fazemos votos para que o desejo de penetração do turismo nesta região, ali formulado, seja tomado na devida consideração pelo alto departamento do Estado, promotor do interessante concurso.

ASSIM SE APOIAM AS ARTES

Mais do que um amigo ou simples conhecido se lamentava, muito portuguêsmente, dizia ele, que a Fundação Gulbenkian, instituição poderosíssima portuguesa, gastasse tanto dinheiro trazendo cá exposições de estrangeiros: agora a de «Pequenos Bronzes Italianos», ontem outras.

E esse meu conhecido ou amigo argumentava ser em pura perda esta e as similares realizações que só traziam proveito aos estrangeiros

Julgamos ser viciada e errada a posição do amigo ou conhecido.

Nós não temos possibilidade nenhuma de ganhar e, logo, possuir plena consciência da nossa valia ignorando tudo quanto se passa para além das nossas fronteiras.

Nem podemos ter plena consciência nem os nossos artistas receberiam qualquer estímulo, já

que contactando eles, profissional e culturalmente com o mundo exterior, teriam de topar no público uma nula receptividade ao mundo actual, a ninguém passando pela cabeça que um escultor de hoje esculpa capitéis românicos, um pintor cubra telas com um renascentista, ou um arquitecto construa à maneira medieval ou gótica.

Assim sendo, e assim é inevitavelmente, como foi sendo, e será, desde que o homem é, são mais directamente para o público e não para os artistas que estas exposições se fazem.

Estas e, em mais pequena escala, as que faz o Instituto Britânico.

Exposições de obras e de artistas estrangeiros, com conferências ilustrativas, com visitas guiadas e explicativas das coisas, objecto esposto, permitem e dão um

A PÁGINA 3

ANTOLOGIA DE POETAS

Bucólica

A vida é feita de nadas:
de grandes serras paradas
à espera de movimento;
de serras onduladas
pelo vento

De casas de moradia
caídas e com sinais
de ninhos que outrora havia
nos beirais

De poeira;
de sombra de uma figueira
de ver esta maravilha;
meu pai a erguer uma videira
como uma Mãe que faz a frança à filha

MIGUEL TORGA

ALVES REDOL

Direitos de Autor

Nos últimos dias de vida, o escritor Alves Redol redigiu os seguintes apontamentos referentes à directriz que deverá presidir ao destino dos proventos resultantes dos seus Direitos de Autor, após a sua morte:

1—Apoio a iniciativas em prol da cultura popular, particularmente a bibliotecas fixas já fundadas ou a fundar em centros que o justificarem.

2—Inquérito à escala nacional para se conhecerem as necessidades e as prioridades a estabelecer, de modo a que não se criem bibliotecas por influências individuais, mas por verdadeiras necessidades colectivas.

3—Estímulo monetário às associações de cultura e recreio que se interessem pelo estudo dos problemas concretos da sua localidade ou região, de modo a torná-los elementos úteis para investigadores, etc..

4—Se se fizer obra útil nestes sectores, muito se fez. A quem vier depois ficará o en-

cargo de prosseguir.

Indicou ainda uma Comissão que se encarregaria de fazer cumprir esse desejo, constituída pelos Escritores Alberto Ferreira, José Cardoso Pires e Mário Ventura Henriques e pelo filho, António Mota Redol.

«Legado Alves Redol»

Torna-se necessário dar uma forma legal às disposições de Redol. Assim, será constituída uma entidade denominada «Legado Alves Redol», cujo estatuto se encontra em estudo.

No entanto, podem adiantar-se os seguintes princípios gerais:

a) Deliberação sobre todos os assuntos relacionados com os Direitos de Autor de Alves Redol.

Distribuição de subsídios de acordo com as disposições enunciadas;

b) Participação deliberativa dos companheiros de Redol;

c) Possibilidade de substituição periódica da Direcção;

d) Existência de um único membro permanente: o filho de Redol;

e) Afastamento da família de Redol se, após a morte do filho, não for considerado apto para desempenhar a tarefa outorgada familiar do Escritor.

Edição das obras de Redol

São os seguintes os inéditos que Redol deixou por publicar:

Romance: «Os Reineiros»

«Lago das Viúvas»

Teatro: «Fronteira Fechada»

A edição das obras de um Escritor falecido não é tarefa fácil quando se pretende manter a dignidade que mostrou enquanto vivo.

Consciente da complexidade da tarefa, a Comissão nomeada por Redol convidou um grupo de camaradas do autor de «Gaibéus» para a auxiliar a definir a linha de acção para o estudo e edição das obras deste Escritor:

Augusto Abelaira

Carlos de Oliveira

Fernando Assis Pacheco

Fernando Namora

Manuel Ferreira

Mário Dionísio

Centro popular Alves Redol, em Vila Franca de Xira

1—Este centro de cultura popular em Vila Franca de Xira, nasce de uma ideia da Comissão «Legado Alves Redol», mas será independente dela.

2—Este centro constará de um Museu dedicado à obra do autor de «Gaibéus», uma Biblioteca que terá como ponto de partida a sua biblioteca particular e destinar-se-á a actividades de índole etnográfica e regional, sempre norteadas nas suas linhas gerais pela linha de pensamento de Alves Redol (pode-se recordar que a sua primeira obra foi precisamente, um estudo etnográfico sobre Glória do Ribatejo).

Está ainda prevista a formação duma biblioteca infantil (lembramos que a literatura infantil preocupou bastante Alves Redol) e também a criação daquilo a que se poderia chamar o Museu do Tejo, ideia muito querida ao autor da «Fanga» e que seria formado a partir dos elementos de toda a ordem recolhidos ao longo do Tejo (desde Espanha), que mostrassem a multiplicidade da vida e do povo ao longo deste rio.

Claro que o Centro se dedicará também a todas as actividades que se julguem úteis para uma colectividade com preocupações e finalidades de ordem cultural (colóquios, exposições, sessões de cinema, etc. etc.).

3) E' de salientar que a família de Alves Redol aderiu imediatamente a esta ideia e, dentro do mesmo espírito que levou aquele escritor a considerar como pertencente à colectividade os fundos provenientes dos direitos de autor da sua obra, cederá ao Centro todos os elementos do espólio particular de autor de «A Barca dos Sete Lemes».

4—Está formada em Vila Franca uma Comissão que está tratando do problema das instalações do Centro, bem como preparando um esboço de estatutos, os quais breve-

mente serão postos à discussão e aprovação dos que estejam interessados em apoiá-lo.

5—A colectividade a criar terá sócios de dois tipos: individuais e colectivos—estes últimos serão as colectividades de cultura popular.

6—Esta comissão vai iniciar uma recolha de fundos por todo o país com o apoio da Imprensa, fundos esses que se destinarão:

a) instalar o Museu e a Biblioteca

b) criar um fundo permanente

c) mandar executar uma pequena e simples obra escultórica que assinalará a campa de Alves Redol no cemitério de Vila Franca de Xira e uma lápida a colocar na casa onde nasceu o autor do «Barraço de Cegos».

E' preciso frizar que o Centro é independente da Comissão intitulada «Legado Alves Redol» e que, portanto, terá que ter os seus fundos próprios. O que não exclui, como é óbvio, que futuramente venha a beneficiar dos fundos do Legado—até em regime de prioridade—como as outras colectividades espalhadas por esse país e que de qualquer modo contribuam para a elevação cultural do povo português.

7— Pretende-se que esta campanha de recolha de fundos venha a arrancar precisamente em Vila Franca de Xira com um espectáculo em que será representada a peça «Forja». Para isso se estão fazendo as necessárias diligências.

Caixa de Previdência e Abono de Família

Sede: Av. Heróis de Angola, 59 — LEIRIA

AVISO

Alargamento do esquema de benefícios

Pensão de sobrevivência

Conforme despacho de Sua Excelência o Subsecretário do Trabalho e Previdência, de 11 de Março de 1970, foi estabelecido o regime de pensões de sobrevivência a partir de 1 de Abril do ano em curso a favor de todo o pessoal, ainda não abrangido por aquela modalidade, ao serviço de entidades patronais representadas pelos Grémios Nacionais da Imprensa Diária, da Imprensa Não-Diária, dos Editores e Livradores, dos Industriais Gráficos, dos Industriais de Litografia e Rotogravura, das Indústrias de Fotografia, das Indústrias de Fabricação de Papel, dos Industriais de Cartonagem, Sobrescritos, Sacos de Papel e Correlativos do Sul e dos Industriais de Cartonagens e Correlativos do Norte.

Deste modo, as contribuições que vinham sendo pagas para esta Caixa de Previdência, na base de 20,5%, passam a partir daquela data, para 23,5% cabendo a percentagem de 17% à entidade patronal e 6,5% ao beneficiário.

A DIRECÇÃO

Prédio

composto de 3 moradias

Vende-se

junto à cadeia desta vila.

Tratar com José da Silva Flora.

Pela Redacção

José de Abreu Fidalgo

De visita a seus familiares esteve na sua terra natal, Moninhos Cimeiros o nosso prezado assinante Sr. José de Abreu Fidalgo competente motorista da Empresa Transul, residente na Trafaria. Agradecemos a visita que nos fez.

Manuel Simões Rodrigues

A regularizar a assinatura de seu pai, Sr. Manuel Simões Rodrigues, esteve na nossa Redacção sua filha, menina Maria Pereira Rodrigues.

Manuel Mendes David

A liquidar a assinatura do Sr. José João Nunes, nosso prezado assinante na Beira-Moçambique, esteve nesta casa o seu amigo e procurador Sr. Manuel Mendes David de Altardo-Graca.

Manuel Henriques Coelho

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado assinante e comerciante Sr. Manuel Henriques Coelho de Pinheiro do Bolim.

João Lopes

Esteve na nossa Redacção, a regularizar a sua assinatura, o Sr. João Lopes proprietário em Vila Facaia

Carlos Gaspar

Recebemos nesta casa onde veio pagar as assinaturas dos Srs. António Coelho Rita, ausente em Inhaminga-Moçambique; herdeiros de Joaquim David, Varzea Redonda; e também a sua, o nosso dedicado assinante Sr. Carlos Gaspar, considerado comerciante local

A todos os nossos sinceros agradecimentos.

Agradecimento

A família de Manuel Lopes dos Santos, recentemente falecido, que foi comerciante nesta vila, não desejando cometer qualquer falta, aliás sempre contingente, devida a falta ou deficiência de endereços, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela doença daquele seu ente querido, e aos que se dignaram acompanhá-lo à sua derradeira morada. A todos, o sincero agradecimento dos seus familiares.

Camisas Trevira

SOTO RIO

33.% Algodão—67.% Trevira E' moda... é Trevira

Um exclusivo da Casa Silva

de

António da Silva Figueiró dos Vinhos

Vende-se

Quintal de amanhado com pomar, constituído por 7 laranjeiras; 1 tangerineira; 1 limoeiro; pereiras; figueiras etc.

Também tem oliveiras e 2 lantadas

Bem localizado ao Barreiro, junto à estrada Nacional.

Trata: Joaquim da Silva.

Perto do local.

MILHARES DE PONTOS DIFERENTES

E POSSIBILIDADES DE PONTO À JOUR

são as características da nova Máquina Super Automática

OLIVA

INTEIRAMENTE EM AÇO

(Não confundir com máquinas de Plástico ou de ligas de alumínio)

extremamente leve, robusta e funcional

A Ourivesaria Lourenço em Figueiró dos Vinhos

dá o apoio técnico, gratuito, neste Concelho, tal como vem fazendo há 40 anos EM TODAS AS MÁQUINAS DE COSTURA VENDIDAS NESTA CASA e que representa uma vantagem ímpar

Toda a gama de Aparelhos Electro Domésticos e ainda a afamada Máquina de TRICOTAR BUSCH, com 420 agulhas e também inteiramente de aço

Aprendizagem ao domicílio

EM EXPOSIÇÃO NA

Ourivesaria Lourenço

Telef. 42105

Figueiró dos Vinhos

TURISMO

alia-lo à beleza do
artesanato aldeão

Creemos que sim, que existe ainda uma arte, ou ocupação artística rudimentar e tradicional, que constitui os labores de algo que merece protecção e apreço, e que dá pelo nome de artesanato.

Na presente época, em que tanto valor se procura dar ao turismo, uma forma de apreciação da arte, da paisagem, do apreço pela vida social, numa variação infinda de pormenores e de coisas, alia-se o interesse das manifestações populares, tradicionais, de arte-ofício, as pequenas coisas que voltam a ter interesse no mundo moderno, por vezes destituído de beleza autêntica.

Existe, de facto, uma arte popular variada, que vale a pena guardar, como símbolo de trabalho e de gosto, com significado espiritual.

As aldeias são ainda, e se-lo-ão sempre, as fontes verdadeiras da beleza simples da vida. Seja uma aldeia cravada no coração da serra gigante de Portugal, em pleno distrito da Guarda, seja uma aldeia mais evoluída pela presença de uma indústria rentável. Tudo começou no artesanato, como semente profícua de progresso.

A arte popular continua a revelar-nos maravilhas de engenho manual.

Vale a pena guardar nas aldeias os seus pergaminhos, pois só ali se podem conservar, como documentos de realidade.

A indústria nem tudo destruiu.

Algo temos pugnado, pelo menos em palavras, para que se guarde aquilo que valorizou, noutros tempos, as terras humildes onde havia fiandeiras, tecedeiras, pequenas oficinas de olaria, de latoaria; onde havia homens que faziam tamancos de madeira, botas de atanoado, capotes com gola de raposa, saídas para uso dos pastores, objectos de verga, roupas de linho, colheres de pau, campainhas de metal que ainda se penduram ao pescoço de animais, etc..

Os pequenos teares manuais, a apodrecer ao canto das lojas e casebres, são algo de curioso. A roca, a dobadoira, tudo conta ainda na riqueza da tradição aldeã, num mundo apaixonante de curiosidades que vale a pena guardar nos pequenos museus das Casas do Povo.

Mas há quem não tenha interesse por estas coisas. Nós temos de facto.

E' certo que grande parte do velho artesanato se transformou em pequena indústria, deixando de ter aquele significado próprio da simplicidade e da pureza.

Acreditamos, com efeito, que existe uma arte popular, talvez já aproveitada em parte para inspiração de indústria. A própria razão que tem sido dada às aldeias de se electrificarem e desenvolverem tem transformado ou deixado

abandonar muito do que existia no seu âmbito.

Se alguém se lembrou de colcar no velho campanário um relógio eléctrico, em virtude de a aldeia ter sido beneficiada com essa prerrogativa, caiu no esquecimento o tradicional relógio de sol, colocado no muro de um pátio, em pleno coração da aldeia. E assim por diante.

Como tudo se transforma, segundo uma lei de Lavoisier, estaremos, sem dúvida, a caminhar para uma destruição total das coisas singelas que dão ainda alguma graça às aldeias.

Para obviar ao total inconveniente, dessa visão derrotista, poderá ao menos recolher-se, em ambiente próprio, como na Casa do Povo ou no Salão Paroquial, a presença, por imagem, desenho ou fotografia, daquilo que mereça ser um dia objecto de apreço de outras gerações, com louvor, sem dúvida, para aqueles que tiverem essa iniciativa.

Tudo ficaria bem na biblioteca da freguesia, se existisse, enquanto a Casa do Povo não cobre a totalidade dos aglomerados rurais.

O artesanato existe ainda e, a prová-lo, basta que em qualquer parte se organize, por exemplo, um cortejo de oferendas a favor de um Hospital Regional. Esses cortejos são sempre ornamentados, valorizados com os hábitos, as tradições do artesanato e com as manifestações de folclore, mesmo em ranchos improvisados. E' que, a par do artesanato, existe também nas aldeias o cancionero próprio, a coreografia e o bailado. São características do povo alegre de Portugal.

Parece que sim, que competiria a um organismo oficial do Estado defender toda a riqueza artesanal e folclórica, promovendo estudos de estatística, de catalogação e de conservação, através, principalmente, da acção social e corporativa da assistência determinada aos agentes rurais ou assistentes das Casas do Povo.

Em caso de necessidade e de interesse mais amplo, poderia solicitar-se a colaboração dos estudiosos e da Imprensa regional.

Não se deixe, pois, perder a riqueza específica, tradicional e espiritual, do artesanato e do folclore regionais, que é, porém, património privativo, em primeiro lugar, das povoações que o possuem.

As Comissões de Turismo, entretanto, poderiam ter um roteiro, um esquema e catálogo dessa riqueza, com outros indicativos, como a existência de castros, castelos, cruzeiros, inscrições, alminhas ou marcos miliários, através da região que servem, para conhecimento dos turistas e dos estudiosos.

E' porque a parte espiritual da vida, o seu conteúdo emocional, também tem interesse, neste mundo cheio de hipocrisias e de miragens torpes.

Virgílio Afonso

Conheça a nossa Terra

DA PÁGINA 4

põe-se uma cuidadosa observação da obra que a Direcção dos Serviços Aquícolas ali está a concluir.

A poucos minutos, de carro, fica-nos Trespostos e Peralcovo, airoas povoações, emolduradas pela vegetação.

Para terminar a digressão com chave de ouro, vamos até à hospitaleira Alge.

Antes, porém, damos a palavra à distinta advogada de Lisboa, Senhora Dr.^a D. Ondina Alves de Oliveira, natural daquela áacre parcela de Campelo.

«E' Alge uma aldeia pitoresca que, bem ao norte do concelho, se estende preguiçosa numa encosta soalheira da Serra da Lousã.

Na noite dos tempos se esfuma a sua origem bem como a imagem veneranda do Espírito Santo, seu Patrono.

Diz-se que pertenceu ao Senhorio de Miranda e teve categoria de Paróquia.

Por lá passaram Franceses das invasões napoleónicas e ali aquartelaram numa encosta da serra, toda povoada de lendas e contos de fadas, onde persiste a Fonte da Moira, brotando sempre água fresca e cristalina.»

A rede do ensino primário está bem distribuída por uma linha central, de harmonia com a configuração geográfica, seus aglomerados populacionais e principal via de comunicação rodoviária, com bons edifícios no sentido funcional, sendo o da sede oferecido por benemerito campelense, e embora de boa construção, hoje, pedagogicamente desactualizado, pelo que vai ser construído outro mais moderno.

Destas escolas saíram muitos indivíduos dos dois sexos que mais tarde se revelaram em elevado hierarquia do funcionalismo público; na magistratura; na advocacia; na medicina; no clero e no ensino.

De maneira quase geral, as terras de Campelo são de natureza acidentada, com muitos regatos e ribeiros pouco caudalosos e todos afluentes da Ribeira de Alge.

Esta, faz extrema de concelho e freguesia a poente com Espinho, do Concelho de Penela.

Confrontando a norte com a Lousã, na sua cota mais elevada, tem a mais baixa altitude no limite sul, em Entre A'guas onde confina com Aguda e Figueiró.

A nascente, parte com Castanheira de Pera e Pedrógão Grande, e a poente com Miranda do Côrvo e Penela.

A zona a norte de Alge até ao limite do concelho foi sempre de baixa densidade populacional, mas presentemente, devido ao exodo rural, estão quase desertos os lugares de Singral Cimeiro, Singral Fundeiro, Cigarrinhas e Cearas, cujos habitantes só ali aparecem por ocasião de Festas.

Este desejo natural e humanamente compreensível, que é o direito do homem tirar do seu esforço, honestamente, o melhor rendimento material, não pode ser condenado. Mas quando o homem do campo tiver na sua própria terra salário justo e comodidades no lar, e de comunicações com o exterior, jamais se deixará seduzir por quimeras, tantas vezes ruinosas.

As estatísticas oficiais dão-nos bem, conta do que tem sido, no sentido negativo, o movimento

migratório e demográfico desta Freguesia.

Vejamos, portanto: Em 1911, a freguesia tinha 2024 habitantes, distribuídos por 558 fogos, com média de 3,6 pessoas por lar. Em 1940, respectivamente 1859 587-3,166. Em 1960-1086 predios, apenas 1479 habitantes para 734 fogos, com média de 2,001 (residentes).

Resumindo: em 50 anos os lares aumentaram de 558 para 734 (32%) e os seus residentes diminuiram de 2024 para 1479 (27%).

Se não é possível haver progresso nas terras sem população actuando no trabalho, havemos de concordar que muito há a fazer em prol do necessário arranque de Campelo para uma vida melhor a que tem direito. O caminho a percorrer será forçosamente longo e difícil, mas se os homens responsáveis que lá vivem não cruzarem os braços, a meta será atingida:

O Governo da Nação está empenhado na promoção rural do País e vai, além do muito que tem feito, reparar a estrada em colaboração com a Câmara Municipal.

Mas que ninguém se esqueça que o povo deve ser colaborante no seu próprio interesse.

SIPER

A SEGUIR:
FIGUEIRO'

Riqueza Piscícola

Da Página 1

-Geral dos Serviços Aquícolas, no sentido de ordenar ou promover a intensificação, com vigor das várias fiscalizações adstritas a este sector da economia nacional cuja riqueza se vai perdendo dia a dia nesta região, valendo já, mais pela qualidade, que pela quantidade, e mais baixará nesta, se não lhe acudirem a tempo. Ao fazermos eco de queixas vindas até nós, também reconhecemos que se torna, por vezes, difícil controlar esses actos delituosos, pelo facto de normalmente serem praticados a coberto da noite e em locais quase inacessíveis, em que os transgressores vigiam facilmente a aproximação da autoridade repressora, que não dispõe, na maior parte dos casos, de locomobilidade apropriada para o bom desempenho da sua missão.

Por esse motivo e ponderando tudo quanto aqui se diz apelamos também—e fazemo-lo com sincera convicção—para a consciência e bom senso dos useiros da pesca proibida e para aqueles que habitualmente compram o produto dessa ilegalidade sem curar de saber da sua origem, tornando-se assim coniventes, conscientes ou inconscientes de um delito, cujos reflexos, anti-económicos são mais reais que aparentes.

F. P.

Vende-se

Milhares de eucaliptos 1.º corte na salada da cova, junto ao Carapinhãl.

Aceitam-se propostas em carta fechada, dirigida a:

Eduardo Paquete Nunes, nesta vila.

Leia e divulgue
este Jornal

Pagamento de Assinaturas

Tiveram a gentileza de nos visitar ou regularizar as suas assinaturas os nossos estimados assinantes:

António Pires Grego, Azeitão; João Dias Graça, Lisboa; António Lopes, Castanheira-Arega; Amadeu Godinho dos Santos, Fontão Fundeiro; João Lopes Branco, E'vora; Joaquim Nunes Ribeira, Fontão Fundeiro; Armando de Jesus Santos Godinho, Figueiró dos Vinhos; José da Conceição Ventura, França; Adolfo de Jesus Valeiras Portela, Niza; José Silveiro, Chavelho; Alfredo David dos Reis, Beira-Moçambique; António Coelho David, Alagoa; D. Rosária da Silva Simões, Lisboa; Dr.^a D. Ondina Alves de Oliveira, Lisboa; José dos Santos Patrício Pires, Moçambique; Café Avenida, Figueiró dos Vinhos, António Pimenta Soares, Tete; Adelino de Oliveira David, Caneças; Manuel Simões Rodrigues, Campelinho; João David Campos Feitor, Batalha; José da Conceição Rodrigues, Casal de Alge; Manuel Vicente Santana, Chavelho; e Adelino da Silva Simões, Brejo-Arega.

Os nossos agradecimentos a todos.

Acidente de viação

As primeiras horas do dia 2 do mês corrente, na entrada de Coimbra por Santa Clara, ocorreu um trágico acidente de viação que arrebatou à vida um rapaz de 24 anos, muito estimado no nosso meio e deixou outros em estado grave.

O Luís Manuel Abreu Silveiro, assim se chamava o indítóso moço, era filho da Sr.^a D. Maria de Lurdes Abreu Silveiro e do Sr. Armando Simões Silveiro, já falecido, todos da Ponte de S. Simão, freguesia de Aguda.

Foi aqui empregado de balcão até cumprir o serviço militar, voltando depois à sua actividade, agora como viajante vendedor, gozando sempre de geral simpatia.

A família de luto apresentamos sentidos pêsames.

Adjudicação da Estrada de Chimpeles

Em concurso público, foi adjudicada ao empreiteiro Sr. Joaquim Fernandes, da Mó Grande a reparação da estrada Chimpeles (1.ª fase de 2000 metros) por 338 913\$00.

Os trabalhos devem ficar concluídos durante o próximo verão.

GRALHAS

São sempre arreliaadores, estes acidentes tipográficos, especialmente quando trocam os nomes às pessoas.

Foi o que sucedeu no nosso número de 25 de Abril, pelo que pedimos desculpa aos Srs. Flávio Henrique Marinha dos Reis e Moura e Anítonio Pimenta Soares.

Assim se apoiam as ARTES

Da Página 1

conhecimento ao público que lhe vai servir, até por comparação, com obras de artistas portugueses.

E, julgamos nós e cremos não estar em campo errado, uma das maneiras mais ricas e úteis de informar e educar os olhos e o gosto, que nestas coisas não vem por palladar mas por entendimento: entendimento que, implicitamente, leva a uma maior aceitação.

Maior aceitação vai ter como reflexo aumento do gosto de possuir o que gera um maior poder—uma necessidade de compra.

Forma digníssima de apoiar artes.

Pela Freguesia da Graça

Calçetamento de ruas no lugar de Pinheiro do Bordalo

Satisfazendo uma velha aspiração dos habitantes do lugar de Pinheiro do Bordalo, a Câmara Municipal deste concelho está a proceder à execução de uma obra que muito beneficiará esta povoação: o calçetamento da sua rua principal que é precedido dos alinhamentos e regularizações necessários. Rua bastante acidentada e com troços que no inverno se transformavam em autênticos atoleiros, a obra em causa era da mais premente necessidade. Estão pois de parabéns os habitantes do lugar do Pinheiro do Bordalo, a quem felicitamos pelo importante benefício que doravante passam a usufruir.

Escola Primária da Graça

Continua a funcionar em regime de curso duplo, visto o respectivo edifício apenas dispôr de uma sala, a escola desta localidade, do que e desde há muito vêm resultando prejuízo para o rendimento escolar. Sabemos estar prevista a construção de mais uma sala de aulas, de imperiosa necessidade, por isso e a quem de direito se solicita a atenção para a conveniência de tais obras serem executadas no princípio das chamadas «férias grandes», de forma a que no inf-

cio do próximo ano lectivo 1970/71 os dois lugares em funcionamento (feminino e masculino) possam já funcionar em aulas independentes, com notória vantagem para professores e alunos. As instalações sanitárias junto da mesma escola constituem uma necessidade inadiável, da sua falta tendo já resultado prejuízos graves para a saúde de alguns funcionários, com consequente dispêndio de muitas dezenas de milhares de escudos.

Caminho de acesso à Bouçã da Figueira

A Câmara Municipal está a merecer atenção a resolução do problema do acesso ao lugar da Bouçã da Figueira, mediante a abertura de um caminho a partir da Estrada Nacional n.º 350-2.ª. A obra é absolutamente necessária e constitui velha aspiração que a Junta de Freguesia não pôde ainda satisfazer em consequência das suas por enquanto parcas receitas lho não terem permitido e ter de atender a outras obras de carácter prioritário. Oxalá que a Câmara Municipal, à frente da qual se encontra um homem dinâmico e com clara visão dos problemas a solucionar, transforme em realidade a velha aspiração daquela isolada povoação, dentro de curto prazo, como a necessidade impõe.

Graça, Maio de 1970 - C.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

DE

“O NORTE DO DISTRITO”

No último número deste jornal dirigimos um apelo aos nossos prezados assinantes, no sentido de efectuarem o pagamento das suas assinaturas directamente na Redacção. Muitos foram já os que responderam ao nosso pedido, mas outros há, certamente por falta de oportunidade, que ainda as não liquidaram.

Nos dedicados assinantes nestas condições, renovamos o apelo que então fizemos, evitando-nos, assim, as sensíveis despesas de cobrança através dos correios.

Gente Nova

No dia 29 do passado mês de Abril, em casa de seus pais nesta vila, deu à luz um robusto menino, a Senhora D. Maria Amélia da Conceição Martins Medeiros de Carvalho, nossa conterrânea e distinta professora oficial em Quinta da Sardinha, casada com o Senhor Delmar Domingos de Carvalho, digno aspirante de finanças em Leiria. Ao novo ente, a quem foi dado o nome de Miguel Angelo, e a seus extremos pais desejamos muitas felicidades.

Notícias

DE AGUDA

Causou grande regozijo em toda a freguesia a notícia da próxima reparação da estrada de Chimpeles, uma das povoações mais distantes desta freguesia.

Também, os habitantes do Casal Velho, estão esperançados que num futuro próximo seja dado um arranjo à terraplanagem que serve a sua aldeia.

Os habitantes que ainda restam na Ponte de S. Simão e Azeitão, tem beneficiado ultimamente, os seus caminhos, contando agora com a colaboração da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal para o alargamento da rua, dentro do lugar, de forma a permitir a passagem de veículos pesados, com vista ao escoamento dos produtos do pinhal, sua fonte de receita.

De Visita

Em casa de seu pai Sr Abílio Mendes Ferreira, encontra-se a passar um período de férias a Senhora D. Gracinda Ferreira Mendes, acompanhada de seu marido Sr. Mário Mendes, estabelecidos na União Sul Africana.

Também de visita a seus pais Srs. António Simões da Silva e Ex.ma Esposa, vieram do ultramar a Senhora D. Margarida de Fátima da Silva Leal, seu marido Sr. David Dias Leal e filha, que nesta altura se encontram em digressão pelo País.

A todos desejamos recuperadoras férias.

Visado pela Comissão de Censura

Conheça a nossa Terra

Deixamos para mais tarde um passeio à parte rural da freguesia de S. João Baptista, Padroeiro da sede do concelho, com as suas várias capelanias, e vamos terminar o nosso roteiro das freguesias rurais em

CAMPELO

Encastuada sem garras nem gavinhas, nas margens da Ribeira de Alge, perto da sua Nascente, nas faldas da Serra da Lousã, Campelo, jóia rústica do concelho, será num futuro que desejamos próximo, vedeta, com assento mercedemente obrigatório em «guias» nacionais e internacionais, do salutar desporto ligado ao turismo, que é a pesca desportiva. Depois de uma vida de confrangedora imobilidade ou até de retrocesso, Campelo pressente que algo de extraordinário vai surgir da monotonia a que o seu isolamento geográfico a tinha condenado.

Vivendo um sonho dos seus antepassados que a poderia arrancar ao marasmo, (a conclusão da estrada n.º 347, que ligaria Castanheira de Pera a Penela) quase já lhe perdeu as esperanças.

Há quase quarenta anos que se encontra ligada por uma estrada municipal à estrada nacional n.º 236-1, que liga Figueiró dos Vinhos a Castanheira, a oito quilómetros daquela vila sua sede, que prefazem dezanove com os onze do ramal.

Deste ramal saem vários caminhos que permitem o acesso de viaturas automóveis a quase todas as povoações da freguesia. Também em Campelo bifurcam caminhos para outras povoações.

A via Campelo-Figueiró a que nos vimos referindo, passa em grande parte do seu percurso, por fora do nosso concelho, o que é lamentável, uma vez que a seu lado e dentro do concelho de Figueiró há povoações importantes como Val Vicente, Aldeia Fundeira e Castelo, freguesia de Campelo; Agrias e Bairrão, freguesia de Figueiró, que poderiam estar ligadas a Campelo e a Figueiró pela mesma estrada e sem sair do concelho, encurtando distâncias.

O agricultor Campelense, vivendo numa terra onde os campos aráveis, não fogem à regra da subdivisão, vai à mata buscar o seu maior rendimento, vendendo madeiras ou alugando o pinhal resinável.

Há nas gentes destas serranias grande intuição para o comércio, e essa tendência nata tem assegurado a muitos naturais daqui, posições marcantes no comércio de todo o País, incluindo a Capital, e muito especialmente na sede do concelho.

Os que vão ficando, e que não dispõem de outros recursos, vão-se sujeitando a colaborar na arte de empobrecer alegremente, cultivando milho e batata e lutando com a conhecida falta de mão obra, problema agravado, aqui, pela impossibilidade da entrada do tractor em pequenos campos, sem o necessário acesso.

Talvez porque os terrenos são de natureza fria e densa humidade, não se produz aqui vinho de outra espécie em boas condições, que não seja o de produtor directo, conhecido por americano, a que dão o nome de morangueiro e que possui um aroma muito agradável, diferente do seu congêneres produzido no val do Vou-

ga, e mais apróximado do lousanense seu vizinho. Pena é que não seja permitida a sua comercialização, visto que a exiguidade da produção não lhe permitiria afectar a valorização do vinho de consumo.

A apicultura, embora processada em moldes arcaicos, tem em Campelo alguns entusiastas, contribuindo para o seu êxito a excelência das pastagens próprias. Não há qualquer indústria, nem mesmo de serração, que à primeira vista se nos afigura estar indicada, devido à densidade florestal.

Todas as atenções se voltam agora para o Posto Aquícola como elemento de fomento económico e turístico, e nós também cremos que essas esperanças não são, de forma alguma, infundadas.

Também a electrificação a inaugurar brevemente, constituirá o elo mais forte da cadeia do progresso de Campelo.

Depois virá a carreira diária, logo que o movimento a justifi-

que. Das freguesias rurais, é Campelo a única que usufrui os benefícios de uma Estação Regional dos Correios.

Por enquanto a única entrada na freguesia, praticável ao automobilista, é aquela a que já nos referimos, vinda de fora do concelho, pela portela que faz extrema no alto de Vilas de Pedro.

Vale a pena, antes de iniciar a descida para a povoação, apreciar esse quadro maravilhoso que tem por fundo a Serra do Espinhal e continua a nossa direita com sucessivas elevações até ao Trevim, ponto mais alto de toda a região.

Na entrada da povoação encontramos um moderno edifício escolar e mais adiante um bellissimo fontanário, oferecido pelo Sr. Francisco Henriques Calçada, natural desta aldeia e residente no Brasil. Também deve ser visitada, a bem zelada Igreja, onde em domingo de Pascoela se realiza a festa em honra da Padroeira, Nossa Senhora do Pranto, também conhecida por Festa das Amendoadas, e que tem a virtude de aqui reunir anualmente muitos dos Campelenses espalhados pelo País.

Deixando à esquerda as aldeias de Fonte da Corte, Casal, Castelo e Aldeia Fundeira, numa baixa muito fértil, de boa produção agrícola, passamos ao Fontão Fundeiro, alfofre de comerciantes, onde se venera Nossa Senhora da Saúde, com os lugares de Fontão Cimeiro, Portela e Póvoa a curta distância.

Antes da chegada a Campelo e a pequeno trajecto, encontramos um moderno caminho alcatroado para Ribeira Velha e que já segue para Molhas. Não é de desprezar a escalada, aproveitando lindas vistas e ar puro.

Uma vez na sede, passando por Campelinho, e depois de uma visita a Nossa Senhora da Graça, no seu belo Templo, im-

'A Página 3

Virgílio Henriques da Costa

Foi submetido a melindrosa operação cirúrgica, numa Casa de Saúde de Coimbra, o nosso estimado assinante Sr. Virgílio Henriques da Costa, proprietário na Lavandeira.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

FUTEBOL

Grupo Desp. Figueirense - 6
Cabaços Sport Clube - 0

Realizou-se no passado Domingo, 26 de Abril no campo de jogos Dr. Fernando Lacerda, um encontro amigável de futebol, entre as equipas do Grupo Desportivo Figueirense e Cabaços Sport Club.

Com razoável assistência a emoldurar o recinto de jogo, principiou o encontro às 16 horas.

Os conjuntos alinharam do seguinte modo:

Grupo Desp. Figueirense — Inácio; Jorge Quaresma, António Peres e Adelino; Ernesto, Fernando Silva e Catita; Manuel Adelino, Fernando Manuel, Eurico e Luís Duarte.

Cabaços Sport Club — Medeiros; Acácio, Rui, Tiago e Aparício; Fernando e Bilreiro; Sérgio, Rangel, Arménio e Mário.

Substituições — Na turma da casa, aos 7 minutos da segunda parte saiu Manuel Adelino entrando Carlos Gonçalves e aos 22 minutos António Peres cedeu o seu lugar a Jorge Furtado.

Nos visitantes logo no reatamento apareceu Luís em vez de Arménio e aos 34 minutos entrou Roque a substituir Rangel.

O jogo principiou com boas jogadas de parte a parte, mas notando-se sempre a equipa local mais ao ataque e logo aos 15 minutos, Catita abre o activo com um remate forte e bem colocado, sem qualquer hipótese de defesa.

Logo com este golo alcançado tão cedo o onze Figueirense, animou e 12 minutos após o 1.º golo, Fernando Manuel eleva o marcador para 2-0, com um bonito golo, premiando um bom trabalho de Manuel Adelino.

E assim se chegou ao fim da 1.ª parte com o marcador em 2-0 favorável à equipa da casa.

Haviam 4 minutos do segundo tempo e o marcador foi alterado para 3-0 por intermédio de

Eurico.

Decorridos 25 minutos, gera-se enorme confusão na grande área local e Catita mete mão à bola. O árbitro que se encontrava bem colocado, não hesitou em apontar para a marca de grande penalidade.

Encarregou-se de marcar o castigo, Mário, que rematou mal, tendo Inácio defendido.

O resultado sofreu nova alteração aos 35 minutos e novamente por intermédio de Catita, autor do 1.º golo, tendo-o marcado em estilo idêntico ao do primeiro.

A bola foi ao centro do terreno e num contra-ataque rápido de Catita, Luís Duarte, Fernando Manuel, este último abre para Adelino que bem colocado não perdoou elevando para 5-0.

Três minutos depois Furtado marca um canto o qual Adelino com a cabeça transforma em golo fazendo assim 6-0, resultado este com que terminou a partida.

Numa breve apreciação à turma local, podemos dizer que toda ela esteve boa. Num plano mais superior: António Peres, Eurico, Fernando Silva e Catita.

Quanto à equipa visitante, subressaiu-se Bilreiro, mas sozinho nada podia fazer.

Apreciando o resultado, achamos pouco 6-0, para um conjunto que praticou bom futebol e mandou dentro do campo.

A arbitragem a cargo do Sr Fernando Neto, esteve razoável. No final do encontro a equipa figueirense ofereceu no salão dos Bombeiros Voluntários uma merenda aos visitantes.

E ao terminar, mais uma reportagem, aqui deixo o apelo aos bons Figueirense, para iniciarem o onze local e contribuirem para o renascimento do Futebol em Figueiró.

José Machado